

# O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

## HABITAÇÃO POPULAR

Não é por política — pois este jornal não tem sido político — que «O Trabalhador» se preocupa com o problema da habitação. Nem tampouco por mera lamúria ou romantismo.

Se ao lado da prosperidade material e do aumento da riqueza, se não elevam os sentimentos morais, e se não se cuida da educação, estabelece-se um perigoso desequilíbrio humano — porque tratamos com homens — que conduz fatalmente ao maior perigo para a estabilidade da Nação.

Ora não pode haver educação sem família. Não pode haver família sem lar. E não pode haver lar sem condigna habitação. Donde podemos concluir que, sem habitação propícia a um bom ambiente familiar, são vãos todos os pruridos de política de espírito.

Ora a verdade manda-nos dizer que neste capítulo da habitação muito está ainda por fazer.

Construiu o Estado já 5.572 casas económicas em todo o país, e está prevista a construção de mais 5.610 para breve, também em todo o país. Esforço notável que toda a gente conhece, aliás, mas que também toda a gente lastima não se desenvolver muito mais ainda.

O problema das matérias primas não parece insolúvel, se se encarar a sério, como também não parece insolúvel o da mão-de-obra.

Insistindo na necessidade de se fazer mais, não procuramos outra coisa senão pedir as condições indispensáveis à eficácia de uma elevação moral e educativa do nosso povo, que é bom.

## OS TRABALHADORES DO CAIS

Por ZIGUE-ZAGUE e SEPOL

Os operários que carregam e descarregam os navios nos grandes portos, que arrumam a carga nos porões e a deslocam nos armazéns, formam um grupo profissional cujos problemas têm chamado a atenção dos governantes em todos os países da Europa.

Outra as condições da sua vida eram das piores; vagueando pelas ruas ou estacionando nas praças próximas dos portos, aí aguardavam sob a chuva, ao frio, ou ao sol a pino, o aparecimento de um patrão que os contratasse.

Nos navios estavam sujeitos à atmosfera tóxica dos porões mal arejados, ao pó causticante dos adubos ou enegrecedor do carvão.

Empoleirados em pranchas escorregadias, trepando escadas a pino, sujeitos a ser esmagados por uma linguada que se soltasse no vai-vem do

enrolar e desenrolar ensurdecedor dos quinchos, tinham a vida em permanente perigo.

Infelizmente algumas destas circunstâncias ainda hoje se mantêm.

As aspirações dos «dockers», nome internacionalizado destes trabalhadores, quer eles sejam de Roterdão, de Londres, de Lisboa ou de Marselha, aproxima-se notavelmente e podem resumir-se nas seguintes:

Condições humanas e racionais na forma de contrato;

Continuidade de trabalho ou retribuição;

Previdência adequada;

Higiene e segurança.

A primeira aspiração está satisfeita nos países da orla do Atlântico, embora o tenha sido mais recentemente do que se pode pensar.

Em 20 de Abril de 1941 ainda «O Trabalhador» lançava um apelo em

favor da humanização do «conto», no que foi acompanhado pela autorizada pena do Sr. Cons. Fernando de Sousa no jornal «A Voz».

Algum tempo depois a «União dos Sindicatos dos Trabalhadores do Porto de Lisboa», conseguiu que o «conto» nos passeios do Cais do Sodré passasse a ser feito debaixo de telha na actual Casa do Conto.

Em 28 de Junho de 1941, em França, eram instituídas nos grandes portos as Casas centrais de conto.

A resolução dos dois problemas que a seguir apontámos envolvia a resolução prévia de um outro: o do profissionalismo, isto é: a selecção dos homens que habitualmente vivem desta profissão, distinguindo-os daqueles que só ocasionalmente dela lançam mão.

Este problema foi resolvido com acerto em Lisboa através os Sindicatos e, até Abril de 1947, os profissionais sindicalizados tinham preferência no conto e era estabelecida uma escala.

O abandono destas normas foi prejudicial sobretudo para os operários mais velhos e fracos que assim viram diminuir a probabilidade de serem contratados.

Mas também os patrões não beneficiaram com a abolição das normas,

pois certos «fidalgos» rejeitam os trabalhos pesados que lhes aparecem nos primeiros contos da manhã, à espera de trabalho de seu agrado.

Está estabelecida a distinção entre profissionais e adventícios nos regulamentos dos portos de Antuérpia e Roterdão, dos portos ingleses a partir de 16 de Junho de 1947 e dos portos franceses após Agosto do mesmo ano.

Nestes regulamentos foi instituído o «salário de presença» a pagar aos «dockers» diariamente, quer haja ou não trabalho e desde que se apresentem todos os dias na casa de conto, com um limite regulamentado de faltas.

O salário mínimo é semanal em Inglaterra e de 4 libras e 8 shelins (aproximadamente 63\$00 diários) e em França de 100 francos por conto: 200 francos diários.

Uma grande aspiração dos trabalhadores de Lisboa era a continuidade de trabalho ou de salário, pois as bocas a comer nos seus lares são sempre as mesmas, seja qual for o movimento do porto.

O salário mínimo poderia ser ga-

(Continua na 6.ª página)

## OBEDIÊNCIA E PROGRESSO

O diário «A República» publicava, há dias, o seguinte eco:

### DA PAZ DOS CEMITÉRIOS AO REINO DA OBEDIÊNCIA

A educação social é uma necessidade humana, uma vez que o homem tem de viver em sociedade, e não é possível concebê-lo isolado. Divergem, porém, os processos de escola, quanto à formação moral do rei dos animais.

Uns preferem o homem sábio, de carácter independente, tendo por objectivo a solidariedade humana. O homem igual ao outro homem, livre de tentar a sua sorte na aventura grandiosa da vida.

Outros preferem-no obediente, sem personalidade nem grandeza próprias, simples cordeiro de mansidão infinita.

### Critérios.

«O Trabalhador», por exemplo, é desta última opinião, quando defende o seguinte decálogo, para tornar as crianças obedientes:

- 1 — Habituá-las à obediência desde os primeiros anos.
- 2 — Exigir obediência imediata e completa.
- 3 — Mandar com calma, com clareza e sem cólera.
- 4 — Inspirar confiança, enquanto não abusam dela.
- 5 — Fazer crer que se espera absolutamente ser obedecido.
- 6 — Mandar mais do que proibir.
- 7 — Dar exemplo de obediência.
- 8 — Punir sempre a desobediência.
- 9 — Instruir as crianças nos seus deveres; e
- 10 — Fazer crer que a autoridade com que se manda vem de Deus.

E nós não concordamos com «O Trabalhador», que se diz semanário do povo.

A paz dos cemitérios, onde impera o silêncio dos mortos, preferimos a curiosidade da ciência, que há-de tornar a vida mais bela. O progresso opõe-se à obediência. A vida desenvolve-se, engrandecendo-se, através das contradições que estão no princípio de tudo.

As teorias de «O Trabalhador» não podem servir o povo.

Ora nós também, por nossa vez, não concordamos com «A República». Poderíamos dizer que estamos pagos. Mas o problema é mais grave do que isso, e não pode arrumar-se assim.

Toda a confusão de «A República» assenta numa falsa noção de obediência. Obediência nem é servidão nem

(Continua na 6.ª página)

## «QUANDO OS GRANDES TIVEREM FRIO A VALER...»

Os foqueiros de Londres resolveram há dias não trabalhar.

Toda a cidade, muito naturalmente tremeu com essa resolução, queremos dizer, tremeu de frio.

Comentando o facto, escrevia o «Diário de Lisboa», do dia 16 de Março:

«Os deputados ingleses foram autorizados a conservar os seus sobretudos, nas sessões do Parlamento.

Porque se atribui agora tanta importância a uma peça de vestuário, no templo das leis?

Estão em greve os foqueiros de Londres e não existe aquecimento, no palácio real nem nos grandes edifícios do Estado. Os grevistas querem assim apressar o triunfo da sua causa. Pensaram consigo:

— «Quando os grandes tiverem frio a valer, cuidarão imediatamente de nos acudir».

Raciocinaram bem? Eis o que se vai ver...

Os ingleses levam sempre um certo tempo a decidir-se, pois que entendem guardar a sua liberdade, mesmo contra as inclemências da estação. Por outro lado, é assaz notório que têm bem enraizado o sentido do conforto.

Mudarão eles de hábitos, na conjuntura presente, concedendo aos foqueiros o aumento de salário de 6 dinheiros, por hora?

Também é possível que, enquanto abofoam os sobretudos, eles murmuram, desportivamente:

— Até que ponto, assim bem agasalhado, me aguentarei neste «match»?...

## LANÇAMOS HOJE O INQUÉRITO AOS NOSSOS LEITORES «QUE ESPERAIS DE NÓS?»

«O Trabalhador» nasceu para ser um jornal do povo.

Que lhe falta para isso?

Dize-nos, em carta, prezado leitor e amigo, o que pensas do nosso jornal. Di-lo com franqueza, com rudeza mesmo, nós to agradeceremos.

Entre todos os que nos responderem — sem gramática, sem caligrafia bonita, pouco importa — sortearemos alguns prémios apetitosos. Lêde o próximo número, mas

RESPONDEI DESDE JÁ:

1.º Agrada a apresentação de «O Trabalhador»?

2.º A sua colaboração e orientação correspondem ao ideal de um jornal do povo trabalhador?

3.º Quais as secções que mais interessam? Acha-las boas?

4.º Quais os problemas da classe operária que desejarías ver mais debatidos?

5.º Que novas secções gostarias de ver no jornal?

TODOS PELO JORNAL:

O JORNAL POR TODOS!



ESTE JORNAL FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA BOA NOVA, LDA. R. MORAIS SOARES, 5-A a 5-D // LISBOA

DO PAÍS

A Direcção Geral dos Serviços de Viação vai simplificar o trabalho de expediente a seu cargo.

O Ministério da Economia explicou como é permitida a exploração do volfrâmio e estanho, para evitar os exaços verificados há anos e que começavam já a esboçar-se.

Pelo mesmo Ministério foi tornado público que o actual preço do petróleo se manterá e o da gasolina não se sabe se será alterado.

Um violento incêndio destruiu o palácio do Costado, em Guimarães.

Em Vila Nova de Ourém foram inaugurados 32 lavadouros públicos, o que causou grande contentamento em todo o povo.

Em meados deste mês chegam a Portugal 500 crianças austriacas protegidas pela associação católica internacional «Caritas».

O comboio «correio» de Madrid colheu uma camioneta na estação de Alhambra, tendo morrido o ajudante do motorista.

Para os trabalhos da 1.ª fase da construção da Avenida Marginal de Ponta Delgada, foi concedida uma comparticipação de 6.200 contos à Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos pelo Fundo do Desemprego.

A Praça da República, em Évora, vai ser beneficiada com a execução de um plano de trabalhos, para o que o Sr. Ministro das Obras Públicas concedeu à respectiva Câmara a comparticipação de 106 contos.

Começou a ser discutido na Assembleia Nacional o parecer da Câmara Corporativa sobre a proposta de lei referente à habitação e ao inquilinato.

Reuniram-se com o sr. Ministro do Interior todos os governadores civis do continente e dos distritos autónomos do Funchal e da Horta.

Inaugurou-se no Porto a nova estação de caminho de ferro da Trindade.

Em benefício de músicos e outros artistas, o sr. Ministro das Obras Públicas concedeu à Emissora Nacional novo subsídio de 200 contos a aplicar no corrente ano.

Angola vai instalar uma central eléctrica, para o que vai comprar na América o material necessário no valor de 2 mil contos.

O sr. Ministro do Interior, acompanhado de outras entidades, visitou Portalegre, Elvas, Castelo de Vide e Campo Maior.

Foi assinado um acordo comercial luso-belga para o corrente ano. Neste acordo estão previstas trocas de comércio no valor de 900 mil contos.

O «9 de Abril» foi comemorado em Lisboa e em muitos pontos da província.

Junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra foram colocados muitos ramos de flores. O túmulo do Soldado Desconhecido, na Batalha, igualmente foi muito visitado e coberto de flores.

As forças vivas de Hoiçã pensam na criação de um hospital naquela vila, pelo que têm percorrido algumas freguesias a interessar o povo naquela importante melhoramento.

Há dias, um jornal da manhã publicava uma gravura mostrando um casal operário com dezasseis filhos.

Na Estância de repouso do Caravello, foi agora instalado um Sanatório Infantil, onde já se encontram internadas várias crianças de 4 a 13 anos. Simpática iniciativa dirigida por uma Comissão que está instalada na rua de S. Mamede (ao Caldas), 19, em Lisboa, e recebe quaisquer donativos para as avultadas despesas que tem de fazer.

É amanhã que se realiza a benção dos navios de pesca do bacalhau, cerimónia que vai decorrer cheia de imponência e beleza. Depois iniciará a sua caminhada para os mares do Norte os 59 barcos que constituem a nossa frota bacalhoeira, a maior de quantas se dedicam àquela faina.

Dedicada à Colónia de Angola, cujo tricentário se comemora este ano, começa no dia 26 do corrente até 1 de Maio a «Semana das Colónias».

Foi inaugurado no lugar de Matos, próximo da Lourinhã, o novo edifício de uma escola primária. Ao acto assistiu o Governador Civil de Lisboa, sr. dr. Mário Madeira.

O pessoal da Fábrica de Cerâmica «Lis» realizou uma festa de confraternização com os patrões, para comemorar os 10 anos da transferência da Fábrica.

Também o pessoal das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova homenageou os patrões com uma festa, a que presidiu o sr. Governador Civil do Porto.

Estiveram em Lisboa 22 aviões franceses que andam a fazer o circuito do Mediterrâneo e trazem a bordo 70 passageiros naquela viagem de recreio. Sairam de Nice no dia 27 de Março e vieram de Tânger para a nossa capital, seguindo depois para o Porto.

O sr. dr. Carvalho da Fonseca foi encarregado de estudar na Suécia a organização e funcionamento dos estabelecimentos hospitalares.

O comandante supremo da zona britânica na Alemanha, Robertson, falando em vários pontos aos alemães, disse-lhes: que decidam unir-se contra os que pretendem roubar-lhes a liberdade com a palavra democracia na boca».

O secretário do Exército dos Estados Unidos, Kenneth Royall, declarou que a América tem necessidade, para a sua próxima defesa, de bases na Europa Ocidental. Defendeu que cada base exige meio milhão de homens, sendo 375 mil do exército de terra.

A Finlândia assinou o pacto com a Rússia.

A imprensa sueca, em especial o órgão liberal «Dagens Nyheter», diz que «falta ao tratado garantia sólida contra uma intervenção russa de carácter militar e de que pode servir de instrumento para transformar a Finlândia num satélite totalitário segundo o modelo da Europa Oriental».

O «Figaro» e o «Populaire», de Paris, dizem que «a Finlândia passou a ser um satélite da Rússia».

Os estivadros de Nova Iorque recusaram-se a carregar o navio soviético «Rússia», de 17.800 toneladas. Alegaram que não desejavam mandar material para a Rússia. Um dos operários disse: «que viessem de Washington os senadores e os congressistas carregar o barco».

O «Rússia» saiu sem carga.

Altas figuras da vida política da Checoslováquia, refugiadas em Londres, publicam no «Times» uma carta a pedir fundos para auxílio dos refugiados checoslovacos, ao mesmo tempo que declaram que o seu país é mais uma vítima da força bruta, sendo aniquilada a liberdade e mortas as instituições democráticas.

A América do Norte propôs a criação de um governo nas zonas ocidentais da Alemanha.

O Ministério dos Estrangeiros norte-americano está a estudar uma proposta sobre a criação de uma organização internacional para combater o «Kominform».

Durante a reunião da «Konvanciantur», das quatro potências que governam Berlim, os ingleses acusaram os russos de desorganizarem a vida da cidade.

Os soviets mandaram retirar a Emissora americana instalada com seu consentimento nos arredores de Viena.

A procura de jazigos de urânio e de tório, 64 «atomistas» percorreram a França continental e ultramarina.

400 comunistas de San Giuseppe (Sticilia) aderiram ao Partido Democrata Cristão.

Chegarão a Berlim tropas soviéticas para manobras da Primavera, tendo sido requisitados vários edifícios.

A Rússia foi convidada a tomar parte na reunião a realizar em Paris, em Maio, de representantes das quatro potências para tratar da devolução de Trieste à Itália.

O Conselho Geral do Partido Social Democrata alemão declarou que combateria qualquer tentativa para impor ao povo alemão a ditadura da democracia popular comunista.

Os russos impuseram na Saxónia restrições na transmissão de notícias sobre «comércio ou assuntos oficiais da zona de ocupação alemã». O comunicado oficial britânico, de Berlim, que dá aquela notícia, diz que o Ministério da Justiça da Saxónia afirmou não poder ser fornecido noticiário às zonas ocidentais da Alemanha nem mesmo aos diplomatas acreditados e às missões militares.

A Comissão Internacional para o estudo dos problemas europeus declarou que a «ofensiva soviética» se propõe estender-se durante este ano à Palestina e aos países do Mediterrâneo, sul e sudoeste da Europa.

Prevê-se que sejam transferidos para Francfort os governos militares americano e britânico, deixando em Berlim apenas «forças simbólicas».

Está a fazer-se um inquérito anglo-russo ao acidente de aviação que motivou a situação tensa existente entre soviets e americanos.

Os russos querem fiscalizar as comunicações telefónicas entre Berlim e Francfort e pediram o encerramento das estações de serviços de automóveis inglesas e americanas na auto-estrada de Berlim a Altmstedt.

Os Estados Unidos, pelo Departamento do Exército, afirmam que se fazem preparativos importantes para assegurar a defesa da população americana contra qualquer ataque por bombas atómicas.

O Serviço de Aeronáutica norte-americano anunciou que vão efectuar-se brevemente grandes manobras aéreas.

Rebentou um movimento comunista na Colúmbia com o fim de malograr o resultado da Conferência Pan-Americana. Deram-se graves distúrbios, houve muitas mortes e incendiaram os templos.

O Governo ganhou a situação e resolveu cortar as relações diplomáticas com a Rússia.

A Conferência Pan-Americana prossegue em Bogotá os seus trabalhos.

O «New-York Times» pede um inquérito para verificar a parte de responsabilidade dos comunistas.

Agentes estrangeiros, entre os quais dois russos, tomaram parte na agitação que ensanguentou Bogotá.

Uma comissão de intelectuais e alguns altos postos do exército vão pedir a libertação de Pétaim.

Foi inaugurada em Londres uma estátua de Roosevelt, adquirida por subscrição pública.



Vale a pena correr riscos?

Nesta série de artigos acerca do espírito comunitário e de comunidade, não fica descabido falar deste constante «correr este ou aquele risco» que é a vida humana. Não só não fica descabido, como, pelo contrário, vem muito a propósito, pois o espírito de audácia e aventura é fundamental nos membros de uma verdadeira comunidade. Estes, para confiarem uns nos outros e servirem constantemente a comunidade nas suas acções, necessitam de serem capazes de confiar, de não temer as possíveis traições e males que dos outros poderão vir.

Do mesmo estado de espírito sofria aquela mãe que, não me lembro em que país foi, mas decerto alguns se recordarão de ver o caso nos jornais, ficara um gaito encarregado das plantas do recreio da escola. Durante os tempos de recreio, sempre a professora o via de roda delas, e era sempre ele o último a chegar à aula. Um dia, a professora notou que ele tinha por baixo da camisa um pequeno volume e perguntou-lhe o que era. O «gaito» então explicou: — durante os intervalos ele vigiava as plantas, mas quando a sineta tocava para as aulas, arrancava-as da terra e levava-as debaixo da camisa consigo, porque tinha medo que os primeiros companheiros a chegassem ao recreio seguisse as estragassem no ardo da brincadeira. Todos achamos graça a esta ingenuidade do garoto. Decerto, a estas horas já ele terá aprendido que quem não se arrisca, não petisca, e que, para se ter flores, é necessário entreparmos as plantas a terra, correndo o risco de as ver espezinhadas.

Este episódio faz-nos sorrir a todos, mas já não nos fazemos sorrir tantos outros episódios passados com pessoas crescidas, episódios que no fundo revelam medo de correr o risco. O patrão que não se atreve a tentar fazer compartilhar os seus operários da gerência e dos lucros da sua fábrica, porque a falta de preparação deles seria um risco demasiado grande a correr, ou porque não pode «correr o risco» deles se desinteressarem do trabalho, ou de não aceitarem depois qualquer

Não há mais bela aventura do que seguir a voz do dever, onde dá nos chamar. E então, brotam dos lábios aquelas formosas palavras lembradas por um poeta inglês a um poeta de Portugal: «Alegra-me a Aventura».

BONS EXEMPLOS

- A firma Costa Loureiro, Irmão & C., da Cancela Velha, Porto, acaba de participar, em circular, aos seus clientes, a constituição de uma nova sociedade de que passam a fazer parte o filho de um dos antigos sócios, o guarda-livros, um empregado e até o servente da casa. Elogiamos a iniciativa. Que, a bem da paz e da justiça social, resulte e frutifique, são os nossos votos.

R. — Tudo depende de saber se pertence ou não a alguma Associação de Socorros Mútuos, Caixa de Previdência ou de Reforma, ou, em caso negativo, se tem o seu contrato com o patrão consta alguma cláusula sobre o assunto. Se sim, queira comunicá-lo, enviando cópia da respectiva cláusula contratual ou regulamentar; se não, não tem direito algum.

P. — Sou ajudante de uma serra de fita numa fábrica de serração de madeiras, em Albergaria dos Doze. Dejejava saber, ao certo, qual o salário que me cabe. Tem-me dito que, desde o dia 8 de Setembro de 1947, devia ganhar 1800 pelo dia das oito horas. Se for assim, o patrão será obrigado a pagar-me a diferença até à data?

R. — Evidentemente que é obrigado a pagar a diferença. Deve pedir-lhe e quanto antes, para evitar complicações.

P. — Sou comerciante de mercadorias e líquidos, reglando-me pelo horário das mercadorias. Os fiscaes obrigam-me a pagar 10 % sobre as bebidas vendidas a copo, quando o decreto nº 36.604 isenta as mercadorias desse imposto. Podem-me dizer se sou eu quem tem razão e como a devo fazer prevalecer?

R. — Poderia defender-se o ponto de vista do consultante, mas, visto tratar-se de um estabelecimento misto, parece mais aceitável a interpretação do fiscal.

P. — Não é possível dar uma resposta concreta, porque as Caixas de Previdência — ou as de Abono de Família, a que talvez se queira referir — não são obrigadas a conceder esses subsídios. Só na Secretaria da Caixa o podem informar com segurança. Já, pois, se deve dirigir.

P. — Sou empregado de uma casa há mais de 21 anos, e, por último,



COISAS DO FUTEBOL

AS «OPERAÇÕES» CONTINUAM...

MAS HÃO-DE ACABAR UM DIA COMO TUDO, ALIÁS, NESTE MUNDO!

Nem que quiséssemos, não poderíamos desviar agora a nossa atenção do curso das provas oficiais. Cada domingo que passa, maior interesse despertam os campeonatos organizados pela Federação Portuguesa de Futebol.

Entre os «Majores» — não é possível ainda vacinar com segurança acerca do clube que ganhará o Título Máximo, nem tampouco apontar a dedo o que vai «baixar» (... embora a Académica de Coimbra esteja em «maus lençóis») ou o que «disputará» com os rivais da II Divisão, E note-se que certas dividas, aliás valorizadas para os torneios oficiais, já resistiram a vinte jornadas, ou seja, a cento e quarenta desafios — ou ainda (o que é interessantíssimo referir) a doze mil e seiscentos minutos de jogo!... que representam duzentas e dez horas de futebol!... equivalentes a quase nove dias consecutivos de luta!!!!... mas dias completos de 24 horas cada um, sem descontar tempo para dormir, para comer, para descansar... e para várias outras necessidades próprias da vida!

O que é a força do «jogo da bola»! — paixão irresistível que avassala as multidões, produto de muitos anos de trabalho sem apoteoses de triunfos rápidos... mas com a certeza dum espectáculo que embriaga e ravita a alma mesmo na adversidade, e apesar de todos os contratemplos.

Quando a III Divisão, realizaram-se as primeiras «meias» das meias-finais, que forneceram os seguintes «scores»: Em Fafe, o Sporting local derrotou por 3-0 o Académico de Viseu; e em Faro, o Desportivo empatou a 1 bola com o Cova da Piedade.

Amanhã terão lugar as «épriques» — marcadas para os campos dos clubes que «viajaram» no domingo passado.

Para a Taça de Portugal, jogaram-se os primeiros desafios dos oitavos-de-final da Competição Preliminar. Em Viana do Castelo, o Vianense derrotou o Leça por 4-1; No Campo do Lima, o Académico do Porto venceu o Oliveirense também por 4-1.

Na Figueira da Foz, o Naval 1.º de Maio levou a melhor com o Ginásio de Alcobaca por 2-1; Em Castelo Branco, o Sport Lisboa local empatou com os Leões de Santarém por 1-1;

Em Reguengos, a equipa da casa fez também 1-1 com o Atlético de Moura; e em Portimão, o Boa Esperança bateu o Montemor por 4-2.

Amanhã estes encontros repetem-se — com permuta de campos.

Finalmente, no Campeonato Nacional de Juniores apenas se efectuaram três desafios das respectivas meias-finais, que terminaram com a vitória do Leixões (2-1 sobre o Sporting de Braga), da Académica de Coimbra (2-0 sobre o Covilhense), e do Sporting Clube de Portugal (6-0 sobre o Ferroviários do Entrancamento).

O quarto encontro destas meias-finais deve vir a ser disputado entre o Desportivo de Faro e o vencedor da renhida luta Elvas-Evora. Dizemos «renhida luta» porque estes dois clubes já jogaram por 3 vezes a sua eliminação — empatando três vezes!!!... em oito dias: — 0-0, 1-1 e 1-1.

Como os leitores podem reparar, estas «coisas» de futebol cada vez se complicam mais — e nas cada vez interessam mais aos aficionados de Portugal inteiro. E é por isso que nem que a gente queira — não pode desviar agora a atenção do curso destas complicadas operações...

Que não de acabar um dia — como tudo, aliás, neste Mundo!

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Por JOSÉ ILHARCO

E o Pavilhão dos Desportos — essa magnífica sala do Parque Eduardo VII que o «sozei patinado», antes mesmo de ser Campeão do Mundo, obrigou a construir — abriu as suas portas — finalmente! — ao basquetebol.

A modalidade está de parabéns. Novas perspectivas se deparam agora ao emocionante desporto e, cremos bem, os seus dirigentes saberão aproveitar a maré, tirando o basquete à categoria internacional que está ao alcance dos portugueses — nesta como noutras modalidades.

Aparecido o recinto indispensável a regulares competições, resta fomentar-se o contacto internacional.

Venham os espanhóis, os franceses, mas os belgas e os suíços. Venham, sim, de novo, os brasileiros, e venham ainda os norte-americanos. Em equipas de clube ou representações nacionais, tanto faz. O que é preciso é que venham e que lá fora se desloquem também os basquetebolistas portugueses.

Exemplo do Oquei está bem à vista...

E o Oquei em patins não nasceu Campeão do Mundo — antes forjou a sua classe à custa de algumas derrotas e de algumas deslocações que chegaram a ser consideradas pura e simplesmente aventuras!

Depois da campanha do Pavilhão — há que travar nova batalha: — o contacto internacional.

Cá neste cantinho, sem cuidarmos de averiguar da profeção das nossas atitudes, continuaremos a pugnar pela valorização do desporto português — que só cremos possível mercê de firme e continuo contacto internacional.

Da Silva venceu Larzen — e ninguém nega mérito ao seu triunfo

O Pavilhão dos Desportos — decididamente ao serviço do Desporto — foi teatro de empolgante combate de box entre Larzen, campeão dos meios-médios, e Rafael da Silva, agora justo pretendente ao título respectivo.

Da Silva, que já impressionara agradavelmente na sua primeira exibição, afirmou-se agora pugilista de classe, batendo o difícil Larzen, por margem folgadoíssima.

Na mesma reunião, a promessa genuinamente portuguesa que se chama Valente Rocha, travou uma bela luta com o francês Astoin — e ganhou o combate, a despeito da vitória oficial atribuída ao seu adversário.

Depois da consagração...

Sucederam-se as homenagens aos oquistas Campeões do Mundo. A festa de sexta-feira da passada semana, no Pavilhão dos Desportos, culminou num ciclo de manifestações de apreço — que se sucederão ainda por mais algum tempo.

Entretanto, os gloriosos campeões do Mundo prosseguiram a sua actividade, integrados nas equipas dos clubes — os verdadeiros fomentadores de toda a obra desportiva — que disputam as últimas eliminatórias da «Taça de Honras».

Depois do brilhante comportamento dos vencedores de Montreux — todos os olhos convergem para eles. Dos espectadores e dos próprios jogadores. Estes, então, os que se iniciam, principi-

Divisão de Honra — Sporting-Benfica, 7-3; «Os Treze»-Glória, 14-2; Belenenses-Oriental, 10-4.

Juniões — Benfica-Oriental A, 0-2; Belenenses-Sporting, 1-2; Almada-Glória, 0-2.

Belenenses e «Os Treze», em primeiras, e Sporting, em reservas, estão isolados à frente da classificação.

João Lourenço obteve no domingo excelente vitória nos 100 quilómetros de ciclismo contra relógio, a contar para o Campeonato regional.

Os «veteranos» disputaram a segunda prova, vencendo Isidro de Carvalho, do Sporting.

Per sua vez, os «iniciados» terminaram a disputa do seu campeonato regional, apurando-se o primeiro Campeão de Lisboa da modalidade, em 1948.

Chama-se ele Carlos Cristóvão e representa Manique de Baixo.



Duas palavras apenas a respeito do concurso de quadras organizado por nós. Como sabem o prazo para entrega já terminou.

Houve, porém, alguns leitores que nos pediram um prolongamento. Fazem-nos lembrar os retardatários que chegam à estação no momento em que o comboio arranca: «O da máquina, pare lá isso...».

Em atenção aos retardatários é prolongado, até ao fim do mês, o prazo de entrega das quadras. E não deixem de concorrer, para que este segundo concurso não fique deserto como alguém insinuou em relação ao primeiro. Mandem quadras que conheçam no género das que transcrevemos.

Responda se sabe...

(e se não souber leia um dos próximos números)

- 1) Sabe porque se põe bicarbonato de sódio no grão de bico quando está a cozer?
2) Que quer dizer «afasia»?
3) Sabe o que é «efedrina»?
4) Que é «epicurismo»?

Respostas ao n.º 12

Sabe de onde derivam os nomes dos meses do ano civil?

1) Janeiro — Do latim Januarius. Deriva de Jano, antigo rei da Itália.

## POLÍTICA LUSO-FRANCESA

Pelas notícias vindas nos jornais diários, já os leitores conhecem que entre Portugal e a França se chegou a acordo para elevar à categoria de Embaixadas as respectivas legações nos dois países.

Não vimos dar, portanto, novidade nenhuma ao anúncio-lo, mas queremos registar o acontecimento com os nossos leitores aplausos.

A França continua sendo, apesar de tudo, uma grande Nação. Nos últimos tempos, depois das provocações por que tem passado, reergue-se, dolorosa mas firmemente, no conceito universal, para retomar o lugar que sempre teve, de orientadora de povos.

Nós devemos à França muito de bom e alguma coisa de mau. Se fizermos, porém, o balanço, o que de bom lhe devemos supera em muito o mal que os seus espíritos mais desorientados nos possam ter feito.

A começar pela nossa própria nacionalidade, devemos à França o Conde D. Henrique, a partir do qual Portugal se formou. Seria longo mesmo enumerar os laços que nos prendem através da História. Hoje ainda, parece-nos que da França muito poderemos aprender, como ela alguma coisa poderá também ensinar conosco.

Folgamos, por isso, com o acontecimento diplomático que acaba de se registar e que muito irá contribuir para o estreitamento das relações entre os dois países.

## Os trabalhadores do cais

(Continuação da 1.ª página)

rantido por meio de uma sobretaxa a cobrar por uma Caixa de Compensação nos períodos de pleno emprego para a li distribuir nos de falta de trabalho.

O problema da previdência, isto é: do auxílio na doença e na invalidez, e da reforma preciosa os nossos «dockers» até agora sem qualquer protecção.

Talvez esta questão pudesse ser resolvida apesar da irregularidade na ocupação, desde que o salário nos dias de trabalho fosse acrescido de um prêmio de seguro que garantisse as contribuições para a Caixa de Previdência nos dias de falta de trabalho, como actualmente está em vigor para os beneficiários dos bairros económicos.

Condições de Higiene e Segurança constituem a outra grande aspiração, o que exigiria uma fiscalização permanente às condições de trabalho e

deu-lhe este nome, em honra de Marte, deus da guerra, de quem pretendia descender e sob cuja protecção pôs o Povo Romano.

Março — Do latim Martius. Deriva de Marte, deus da guerra, de quem pretendia descender e sob cuja protecção pôs o Povo Romano.

Abri! — Do latim Aprilis ou Apreire, que significa abrir porque neste mês parece a terra abrir o seu seio para nos franquear os seus tesouros. Alguns etimologistas o derivam da palavra grega Afrodite, que significa Vénus, deusa do amor e da felicidade a quem este mês era consagrado.

Maio — Do latim Maius. Este mês, segundo alguns autores era consagrado a Maia, mãe de Mercúrio; e segundo outros a mãe dos anéis e por isso era denominado mensis maiorium, que significa mês das pessoas de idade protracta. Fundam estes a sua opinião que Rómulo havia dividido o povo romano em duas classes: os anciãos para o conselho e os moços para a guerra, consagrando aos primeiros o mês de Maio e aos segundos o de Junho.

Junho — Do latim Junius. Deriva de Juno ou Juniores, que significa pessoas moças e por isso este mês era consagrado à mocidade romana. Alguns autores dizem que deriva de Juno.

Julho — Do latim Julius. Chamou-se a princípio Quintilis por ser o 5.º mês do calendário de Rómulo, primeiro rei de Roma. Deu-se-lhe depois o nome de Julius, em honra de Julio César.

Agosto — Do latim Augustus. No calendário de Rómulo dava-se a este mês o nome de Sextilis, por ser o 6.º mês do ano. Conservou-o no tempo dos reis e da república; porém, desde o princípio do Império Romano foi chamado Augustus em honra do imperador Augusto.

Setembro — Do latim Setembris. Setem ou Setimus, que significa sétimo porque era o 7.º mês do calendário de Rómulo.

Outubro — Do latim October. Foi assim chamado da palavra latina octo ou octavus, que significa oito, pois este mês era o oitavo de Rómulo.

Novembro — Do latim November. Vem da palavra latina Novem que significa nove por ser o 9.º mês do calendário de Rómulo.

Dezembro — Do latim December. Deriva da palavra latina Decem que significa dez, porque era o 10.º mês de Rómulo.

O calendário romano foi organizado por Rómulo, primeiro rei de Roma que dividiu o ano em 10 meses, fazendo um total de 304 dias, a saber: Abril, Junho, Sextilis (Agosto), Setembro, Novembro e Dezembro de 30 dias; Março, Maio, Quintilis (Julho) e Outubro 31 dias, Minus, o segundo rei de Roma Numa Pompílio, reconhecendo os inconvenientes do ano organizado por Rómulo, aumentou-o com os meses de Janeiro e Fevereiro, ficando a haver 12 meses compostos da seguinte forma: Fevereiro, 28 dias; Janeiro, Abril, Junho, Sextilis (Agosto), Outubro, Novembro e Dezembro, de 29 dias.

Fevereiro — Do latim Februarius. Deriva de februa que significa fazer libações, purificar-se, por isso que este mês, entre os Romanos, era consagrado aos sacrifícios expiatórios, em honra dos defuntos.

Março, Maio, Quintilis (Julho) e Setembro de 31 dias, ao todo 355 dias.

2) — Sebe a origem do ano bissexto e o que é dia intercalar?

Julio César, vendo que o Calendário Romano organizado primeiro por Rómulo e depois por Numa Pompílio, respectivamente, 1.º e 2.º reis de Roma, ainda não era perfeito, consultou o astrónomo Sosigenes, cuja opinião era de que o ano solar contava 365 dias e 6 horas exactas (o que não é verdade pois sabemos que na realidade tem 5 horas, 48 minutos e 52 segundos) e fez o ano civil de 365 dias, com as modificações hoje verificadas, ordenando mais que de 4 em 4 anos, com as 6 horas de cada ano se formasse um outro dia.

Esse dia foi chamado Intercalar e foi acrescentado ao mês de Fevereiro, que ficou com 29 dias, nos anos bissextos, nome dado pelos Romanos. Este calendário que foi começado a usar 45 anos A. C., foi chamado calendário Juliano e de antigo estilo.

3) — Sabe como se verifica se determinado ano é ou não bissexto?

Divide-se por 4 o número milésimo, isto é, os algarismos significativos de um ano. Se não houver resto o ano será bissexto; se houver será comum (comuns são os anos não bissextos). Se o resto for 1, 2 ou 3 o ano é comum e o algarismo do resto indica o número de anos decorridos depois do bissexto.

Sirva de exemplo o ano de 1949. Dividindo-se 1949 por 4 o resto é 1, por onde concluímos que o ano de 1949 é comum e o 1.º depois do bissexto. Verificamos ainda que o ano de 1948 é bissexto porque dividindo-se 1948 dá de resto 0.

4) — Sabe o que são e de onde derivam as chamadas «Leis draconianas»?

Leis draconianas, deriva de Draco, legislador de Atenas, que se tornou célebre pela sua severidade. Dizia-se que as suas leis eram escritas com letras de sangue, porque todos os crimes, desde a ociosidade até ao homicídio, eram punidos com morte, donde vem o dar-se o nome de leis draconianas a todas as leis que são demasiadamente severas. Solon, um dos 7 sábios da Grécia que publicou excelentes leis e que morreu cerca do ano 559 A. C., revogou todas as leis de Draco, excepto a que dizia respeito ao assassinio.

5) — Sabe quem foi Ferdinand Lesseps?

Foi o engenheiro francês que construiu o canal de Suez, estabelecendo assim a comunicação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Este canal foi inaugurado a 17 de Novembro de 1869.

2) — Sabe o que são e de onde derivam as chamadas «Leis draconianas»?

Leis draconianas, deriva de Draco, legislador de Atenas, que se tornou célebre pela sua severidade. Dizia-se que as suas leis eram escritas com letras de sangue, porque todos os crimes, desde a ociosidade até ao homicídio, eram punidos com morte, donde vem o dar-se o nome de leis draconianas a todas as leis que são demasiadamente severas. Solon, um dos 7 sábios da Grécia que publicou excelentes leis e que morreu cerca do ano 559 A. C., revogou todas as leis de Draco, excepto a que dizia respeito ao assassinio.

5) — Sabe quem foi Ferdinand Lesseps?

Foi o engenheiro francês que construiu o canal de Suez, estabelecendo assim a comunicação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Este canal foi inaugurado a 17 de Novembro de 1869.

2) — Sabe o que são e de onde derivam as chamadas «Leis draconianas»?

Leis draconianas, deriva de Draco, legislador de Atenas, que se tornou célebre pela sua severidade. Dizia-se que as suas leis eram escritas com letras de sangue, porque todos os crimes, desde a ociosidade até ao homicídio, eram punidos com morte, donde vem o dar-se o nome de leis draconianas a todas as leis que são demasiadamente severas. Solon, um dos 7 sábios da Grécia que publicou excelentes leis e que morreu cerca do ano 559 A. C., revogou todas as leis de Draco, excepto a que dizia respeito ao assassinio.

5) — Sabe quem foi Ferdinand Lesseps?

Foi o engenheiro francês que construiu o canal de Suez, estabelecendo assim a comunicação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Este canal foi inaugurado a 17 de Novembro de 1869.

2) — Sabe o que são e de onde derivam as chamadas «Leis draconianas»?

Leis draconianas, deriva de Draco, legislador de Atenas, que se tornou célebre pela sua severidade. Dizia-se que as suas leis eram escritas com letras de sangue, porque todos os crimes, desde a ociosidade até ao homicídio, eram punidos com morte, donde vem o dar-se o nome de leis draconianas a todas as leis que são demasiadamente severas. Solon, um dos 7 sábios da Grécia que publicou excelentes leis e que morreu cerca do ano 559 A. C., revogou todas as leis de Draco, excepto a que dizia respeito ao assassinio.

5) — Sabe quem foi Ferdinand Lesseps?

Foi o engenheiro francês que construiu o canal de Suez, estabelecendo assim a comunicação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Este canal foi inaugurado a 17 de Novembro de 1869.

2) — Sabe o que são e de onde derivam as chamadas «Leis draconianas»?

Leis draconianas, deriva de Draco, legislador de Atenas, que se tornou célebre pela sua severidade. Dizia-se que as suas leis eram escritas com letras de sangue, porque todos os crimes, desde a ociosidade até ao homicídio, eram punidos com morte, donde vem o dar-se o nome de leis draconianas a todas as leis que são demasiadamente severas. Solon, um dos 7 sábios da Grécia que publicou excelentes leis e que morreu cerca do ano 559 A. C., revogou todas as leis de Draco, excepto a que dizia respeito ao assassinio.

5) — Sabe quem foi Ferdinand Lesseps?

Foi o engenheiro francês que construiu o canal de Suez, estabelecendo assim a comunicação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Este canal foi inaugurado a 17 de Novembro de 1869.

2) — Sabe o que são e de onde derivam as chamadas «Leis draconianas»?

Leis draconianas, deriva de Draco, legislador de Atenas, que se tornou célebre pela sua severidade. Dizia-se que as suas leis eram escritas com letras de sangue, porque todos os crimes, desde a ociosidade até ao homicídio, eram punidos com morte, donde vem o dar-se o nome de leis draconianas a todas as leis que são demasiadamente severas. Solon, um dos 7 sábios da Grécia que publicou excelentes leis e que morreu cerca do ano 559 A. C., revogou todas as leis de Draco, excepto a que dizia respeito ao assassinio.

5) — Sabe quem foi Ferdinand Lesseps?

Foi o engenheiro francês que construiu o canal de Suez, estabelecendo assim a comunicação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Este canal foi inaugurado a 17 de Novembro de 1869.

2) — Sabe o que são e de onde derivam as chamadas «Leis draconianas»?

Leis draconianas, deriva de Draco, legislador de Atenas, que se tornou célebre pela sua severidade. Dizia-se que as suas leis eram escritas com letras de sangue, porque todos os crimes, desde a ociosidade até ao homicídio, eram punidos com morte, donde vem o dar-se o nome de leis draconianas a todas as leis que são demasiadamente severas. Solon, um dos 7 sábios da Grécia que publicou excelentes leis e que morreu cerca do ano 559 A. C., revogou todas as leis de Draco, excepto a que dizia respeito ao assassinio.

5) — Sabe quem foi Ferdinand Lesseps?

Foi o engenheiro francês que construiu o canal de Suez, estabelecendo assim a comunicação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Este canal foi inaugurado a 17 de Novembro de 1869.

2) — Sabe o que são e de onde derivam as chamadas «Leis draconianas»?

Leis draconianas, deriva de Draco, legislador de Atenas, que se tornou célebre pela sua severidade. Dizia-se que as suas leis eram escritas com letras de sangue, porque todos os crimes, desde a ociosidade até ao homicídio, eram punidos com morte, donde vem o dar-se o nome de leis draconianas a todas as leis que são demasiadamente severas. Solon, um dos 7 sábios da Grécia que publicou excelentes leis e que morreu cerca do ano 559 A. C., revogou todas as leis de Draco, excepto a que dizia respeito ao assassinio.

5) — Sabe quem foi Ferdinand Lesseps?

## Aprendamos economia SOLIDARIEDADE NOS PREÇOS

Por ABEL VARZIM

Temos estudado a formação dos preços das mercadorias, partindo da dupla hipótese da liberdade dos mercados e da estabilidade da moeda. Num regime de livre concorrência e num país com moeda estável, os preços das mercadorias fixam-se segundo as regras que expusemos.

Falta-nos ver apenas um outro fenómeno, aliás muito conhecido, isto é, que os preços são solidários uns com os outros. Quando aumenta o preço duma mercadoria, esse aumento provoca a subida de preços de outras mercadorias, como a baixa de uns provoca a descida de outros.

Exemplifiquemos: uma subida no preço do trigo provoca imediatamente uma alta no preço dos outros cereais panificáveis: centeio, aveia, milho, etc. A razão é simples. Faltando o trigo ou sendo muito caro, recorre-se à aquisição de centeio ou milho. A procura destes cereais aumenta, e, segundo as regras que vimos, aumentando a procura sem aumentar na mesma proporção a oferta, sobem os preços.

Mas nem só os cereais são afectados. Recorre-se mais ao arroz, à batata, etc., fazendo aumentar a procura destes géneros e, portanto, fomentando a subida dos respectivos preços.

O mesmo se dá com a descida. Uma desvalorização no preço do trigo, por exemplo, acarreta, pela mesma razão, a desvalorização do preço dos outros cereais. E se a descida for grande, vai afectar todo o comércio até. Com efeito, se a agricultura tem pouco rendimento pela descida dos seus produtos, fica com menor poder de compra. A procura de artigos de vestuário, calçado, etc., diminui fatalmente. Diminuindo, provoca a queda de preços dessas mercadorias, que se mantêm com uma oferta normal.

Podemos multiplicar os exemplos para mostrar como a subida ou descida de preços duma mercadoria acarreta idêntico movimento de preços, primeiro nas mercadorias que poderíamos chamar «sucedeâneas», e depois nas outras.

A não ser que esta flutuação de preço seja momentânea ou ocasional, mal vai quando uma começa a subir. As outras, mais cedo ou mais tarde, sofrem os efeitos do desequilíbrio.

Salva-se o caso dos produtos de luxo, que podem sofrer alterações sem afectar a formação geral dos preços.

Fixemos, portanto, este princípio fundamental: os preços são solidários. Isto implica uma outra questão, que é a de saber até que ponto um preço exige mais um pouco de largueza de espaço para se desenvolver, fica para a próxima vez.

Inteligentes, desperdiçam sem se darem conta de quanto essas pequenas coisas influem no fim do mês ou do ano nos gastos da família.

Para vos ajudar, vos oferecemos hoje estes exemplos aos quais outros se seguirão quando houver oportunidade. Se os vossos problemas não forem precisamente estes, puxal pela cabeça para os resolverdes; se de nós precisardes, com todo o gosto vos ajudaremos.

1 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

2 — O vestido está puído em volta do pescoço, nas mangas, debaixo dos braços. O remédio é fazer dele uma saia com corpo que aquece peito e costas, aproveitando todos os bocadinhos para dar largura e altura à saia.

3 — De um bibe de criança que deixou de lhe servir fazer um avental: O bibe, depois de desmanchado, lavado e passado a ferro corta-se da seguinte maneira: a saia e o corpo até ao espelho que era uma peça só e franzida, corta-se em três panos neguados, para o avental. Uma manga faz o corpo do avental. Os espelhos do corpo e mais a outra manga cortam-se em tiras para as alças e para dar comprimento ao avental.

4 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

5 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

6 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

7 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

8 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

9 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

## DO VELHO FAZER NOVO

«Remenda o teu pano, chegar-te-á para um ano, torna a remendar e tornar-te-á a chegar» é um ditado popular repassado de muita sabedoria.

Na verdade, a mulher que o sabe ser denota inteligência e sabedoria de economia, para moderar os gastos femininas pondo em prática princípios supérfluos e aproveitar pequenas coisas que outras, menos sabedoras e

inteligentes, desperdiçam sem se darem conta de quanto essas pequenas coisas influem no fim do mês ou do ano nos gastos da família.

Para vos ajudar, vos oferecemos hoje estes exemplos aos quais outros se seguirão quando houver oportunidade. Se os vossos problemas não forem precisamente estes, puxal pela cabeça para os resolverdes; se de nós precisardes, com todo o gosto vos ajudaremos.

1 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

2 — O vestido está puído em volta do pescoço, nas mangas, debaixo dos braços. O remédio é fazer dele uma saia com corpo que aquece peito e costas, aproveitando todos os bocadinhos para dar largura e altura à saia.

3 — De um bibe de criança que deixou de lhe servir fazer um avental: O bibe, depois de desmanchado, lavado e passado a ferro corta-se da seguinte maneira: a saia e o corpo até ao espelho que era uma peça só e franzida, corta-se em três panos neguados, para o avental. Uma manga faz o corpo do avental. Os espelhos do corpo e mais a outra manga cortam-se em tiras para as alças e para dar comprimento ao avental.

4 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

5 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

6 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

7 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

8 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

9 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

10 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

11 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

12 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

13 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

14 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

## Entre marido e mulher

«Remenda o teu pano, chegar-te-á para um ano, torna a remendar e tornar-te-á a chegar» é um ditado popular repassado de muita sabedoria.

Na verdade, a mulher que o sabe ser denota inteligência e sabedoria de economia, para moderar os gastos femininas pondo em prática princípios supérfluos e aproveitar pequenas coisas que outras, menos sabedoras e

inteligentes, desperdiçam sem se darem conta de quanto essas pequenas coisas influem no fim do mês ou do ano nos gastos da família.

Para vos ajudar, vos oferecemos hoje estes exemplos aos quais outros se seguirão quando houver oportunidade. Se os vossos problemas não forem precisamente estes, puxal pela cabeça para os resolverdes; se de nós precisardes, com todo o gosto vos ajudaremos.

1 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

2 — O vestido está puído em volta do pescoço, nas mangas, debaixo dos braços. O remédio é fazer dele uma saia com corpo que aquece peito e costas, aproveitando todos os bocadinhos para dar largura e altura à saia.

3 — De um bibe de criança que deixou de lhe servir fazer um avental: O bibe, depois de desmanchado, lavado e passado a ferro corta-se da seguinte maneira: a saia e o corpo até ao espelho que era uma peça só e franzida, corta-se em três panos neguados, para o avental. Uma manga faz o corpo do avental. Os espelhos do corpo e mais a outra manga cortam-se em tiras para as alças e para dar comprimento ao avental.

4 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

5 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

6 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

7 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

8 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

9 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

10 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

11 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

12 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

13 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

14 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

## NOÇÕES de pericultura

«Remenda o teu pano, chegar-te-á para um ano, torna a remendar e tornar-te-á a chegar» é um ditado popular repassado de muita sabedoria.

Na verdade, a mulher que o sabe ser denota inteligência e sabedoria de economia, para moderar os gastos femininas pondo em prática princípios supérfluos e aproveitar pequenas coisas que outras, menos sabedoras e

inteligentes, desperdiçam sem se darem conta de quanto essas pequenas coisas influem no fim do mês ou do ano nos gastos da família.

Para vos ajudar, vos oferecemos hoje estes exemplos aos quais outros se seguirão quando houver oportunidade. Se os vossos problemas não forem precisamente estes, puxal pela cabeça para os resolverdes; se de nós precisardes, com todo o gosto vos ajudaremos.

1 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

2 — O vestido está puído em volta do pescoço, nas mangas, debaixo dos braços. O remédio é fazer dele uma saia com corpo que aquece peito e costas, aproveitando todos os bocadinhos para dar largura e altura à saia.

3 — De um bibe de criança que deixou de lhe servir fazer um avental: O bibe, depois de desmanchado, lavado e passado a ferro corta-se da seguinte maneira: a saia e o corpo até ao espelho que era uma peça só e franzida, corta-se em três panos neguados, para o avental. Uma manga faz o corpo do avental. Os espelhos do corpo e mais a outra manga cortam-se em tiras para as alças e para dar comprimento ao avental.

4 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar-se das partes das mangas que ainda estão boas.

5 — Uma saia nova com corpo de um vestido velho.

As alças podem tirar



# A situação dos Caixeiros

A classe dos caixeiros deve ser uma das mais numerosas de Lisboa, das mais heterogêneas e das mais sacrificadas. Dizemos heterogênea e sacrificada porque se há alguns — simples minoria — que disfrutam de uma situação desafiada, outros há que vivem a braços com as muitas dificuldades.

O público que ocorre aos estabelecimentos comerciais não se apercebe muitas vezes da amargura que esconde o sorriso que para além do balcão se entremonstra aos clientes.

O cansaço físico que deriva do facto de os empregados estarem todo o dia de pé é outro pormenor em que não se repara muitas vezes.

\* \* \*

Uma ressalva fazemos ao iniciarmos este inquérito no qual procuraremos dar uma ideia da situação dos caixeiros: pelo facto de só nos referirmos às aspirações da classe: não pretendemos desconhecer as múltiplas regalias de que já disfrutam. Atribuir-nos tal desconhecimento seria dar-nos intenções que não temos...

### Uma classe numerosa

A organização sindical da classe abrange no distrito de Lisboa cerca de 18 mil sócios, entre efectivos e contribuintes.

Entende-se por contribuintes os que apenas pagam quota, desde que se generalizou, para a classe, a sua obrigatoriedade.

Os sócios efectivos, no pleno gozo de todas as regalias que a classe disfruta devem andar à volta de nove mil.

A classe divide-se em três categorias: caixeiros de balcão, de praça e viajantes. A aspiração máxima e a bem dizer, neste momento, única é a revisão de vencimentos. O nível desses vencimentos é muito baixo podendo estabelecer-se a média geral em 9005 mensais.

Há casas, especialmente as de luxo, que pagam razoavelmente: cita-se, a título de curiosidade o vencimento dos encarregados que anda à volta de dois contos. Mas são muito poucas essas casas. A grande maioria das empresas procura pagar o menos possível, regateando, quando podem, os vencimentos dos seus empregados chegando a contestar os que foram estabelecidos por acordo. Existem realmente acordos mas tão desactualizados pelo que respeita a vencimentos que podem considerar-se praticamente rescindidos.

Por alturas de 1944 estavam em estudo cerca de 45 acordos colectivos

de trabalho que não chegaram a ser assinados. Presentemente decorrem negociações com a União dos Grêmios dos Lojistas para a elaboração dum contrato colectivo.

Embora da parte de muitos agraçados haja boa vontade e desejo de colaboração com a entidade sindical na revisão da situação dos caixeiros, da parte da União só se registam entaves e adiamentos na discussão das cláusulas do projecto de contrato, não obstante os bons serviços de mediador prestados pelo I. N. T. P.

### O nível médio dos ordenados

Dissemos que era muito baixo o nível médio dos ordenados.

Cumpre-nos exemplificar, para que se não diga que falamos de cor, sem fundamentarmos convenientemente as nossas afirmações. Vejamos o caso das mercearias a retalho, que têm os seguintes vencimentos mínimos estabelecidos: 1.º caixeiro: estabelecimento de 1.ª categoria, 750\$00; 2.ª categoria, 620\$00; 3.ª, 500\$00. Meio caixeiro: 1.ª — 500\$00; 2.ª, 450\$00; 3.ª — 400\$00. Faça-se a conta ao aluguer dum quarto, por mais modesto que seja, e ao preço da alimentação e ver-se-á a necessidade que há de elevar aqueles vencimentos.

Em muitas casas do ramo de mercearia, os empregados têm tina e mesa e roupa lavada o que é uma ajuda; mas praticamente nada lhes fica para se vestirem e calzarem.

Há casas de luxo da mesma especialidade em que as diferenças de vencimentos atingem 200\$00 e mais.

A situação dos caixeiros viajantes é mais razoável; além do ordenado, em geral pequeno, têm uma comissão que varia com o valor dos artigos. Não é difícil a um caixeiro viajante conseguir um vencimento de 2.500\$00, o qual não pode considerar-se, no entanto elevado, pois as exigências e as despesas extraordinárias são maiores.

A situação dos caixeiros de praça, ao que nos informam, não é desafiada e em certos ramos é até bastante precária.

### Condições de vida

Os empregados, como no caso das mercearias, que comem por conta das empresas, vivem em geral, uma vida sacrificada. A comida é péssima e as instalações são o pior que se pode imaginar, sem roupa suficiente, no inverno para se agasalharem, dormindo em quartos sem as condições higiénicas indispensáveis para não falarmos no conforto a que teriam direito.

Sabemos duma casa onde dormem três empregados num divã, e este está colocado no vão duma escada que servia antes de dispensa.

Contribui muito para que este estado de coisas se mantenha a falta de fiscalização.

A entidade sindical dos caixeiros tem um fiscal privativo, mas como a sua acção não pode estender-se a todas as casas ao mesmo tempo, sucede que as empresas não se preocupam muito com a perspectiva duma visita inesperada do fiscal.

Por outro lado este autua, mas a multa anda à volta de 130\$00, nunca sendo agravada no caso de reincidência.

### O horário de trabalho

A bem dizer os empregados de mercearia e não sabemos se os de outros ramos, não têm horário de trabalho. Uns fazem horas extraordinárias sem remuneração nenhuma, na mira de captarem as simpatias dos patrões e serem admitidos a uma possível sociedade. Outros fazem-nas com o receio de caírem na desgraça dos patrões e serem despedidos na primeira oportunidade.

Há patrões para os quais as ameaças de despedimento são moeda corrente no trato com os empregados

As mercearias fecham à hora dos outros estabelecimentos: pois na maioria delas o movimento de fregueses continua até à meia noite e durante todo o dia de domingo. Parece que há da parte dos fregueses prazer especial em se aviarem fora das horas estabelecidas, com detrimento para o repouso dos empregados.

Se há uma fiscalização intensa sobre os pesos e medidas por que não a há-de haver sobre os horários?

Muitos empregados parece que têm gosto especial em se manterem no estabelecimento para além do horário legal e eles próprios iludem, de convivência com os patrões, a vigilância do fiscal quando por acaso aparece.

Certa ocasião o fiscal do Sindicato notou luz numa mercearia e ouviu vozes. Bateu, mas ninguém respondeu, as luzes apagaram-se e fez-se silêncio.

O fiscal, intrigado, fica à espreita, a distância e passado algum tempo a cena repete-se: volta a ver luz e a ouvir vozes, bate, ninguém responde e a luz volta a apagar-se.

Pergunta numa taberna o nome do merceiro. Da posse desse elemento importante — que é como que um passaporte — finge-se freguês, bate, chamando pelo nome do merceiro e pedindo que o aviasse.

Entra, declina a identidade, mas o merceiro não se atrapalha.

A objecção do fiscal de que ouvira vozes, opõe o merceiro o convite para inspecionar, à vontade, o estabelecimento. De facto não encontrou ninguém, ia a retirar-se com o pedido de mil desculpas quando, junto ao balcão vislumbra o ligeiro movimento dum saco. Os dois empregados da casa tinham enfiado cada um seu saco na cabeça e para ali permaneceram imóveis como dois fardos de bacalhau.

Bem entendido: o merceiro foi multado, mas de que serve a multa se a vastidão da sua tarefa não permite ao fiscal dar continuidade à sua acção e impedir a reincidência?

### Alegria no trabalho

Um dos problemas que se torna necessário resolver, nesta como noutras classes, é o da alegria no trabalho. Se alguma classe há onde os empregados têm de ser atenciosos, e até mesmo sorridentes, é a dos caixeiros. Mas como poderão eles ser atenciosos, sorrir, trabalhar com gosto, se

## A VOZ DOS NOSSOS CAMARADAS

De um operário do Porto recebemos uma carta na qual expõe a situação dos operários da 3.ª Repartição de Monumentos, da Câmara Municipal do Porto.

A carta aborda dois aspectos do problema: um, o da baixa remuneração; o outro o prazo do pagamento dos salários.

Como a primeira parte é suficientemente conhecida, vejamos a segunda:

«Remediar-nos-íamos melhor com o salário pago à quinquena do que ao mês. Ainda se ao mês nos fossem pagos os domingos, o prejuizo que temos seria compensado. Assim, vemo-nos sempre endividados e esta coisa de dívidas é má. Não se poderia obter da Câmara a resolução deste problema?»

Aqui vai o alvitre e o pedido. Creemos que será fácil resolver-se a questão no que respeita ao prazo do pagamento. É só outra arrumação nos serviços. Quanto ao montante dos salários, isso já é um caso de justiça que, estamos certos, a Ex.ª Câmara não deixará de ponderar devidamente.

o seu espirito paira num céu enevoado de preocupações?

Vejamos uma fonte de preocupações.

Como é possível dividir um ordenado supponhamos de 1.200\$00 que já é um ordenado excepcional na classe dos caixeiros?

Renda de casa .....	300\$00
Descontos (10%) .....	120\$00
Transportes .....	100\$00
Total .....	520\$00

Já se pensou na impossibilidade de se apresentarem decentemente vestidos os caixeiros que trabalham em casas de luxo? O que gastam na indumentária, quando são chefes de família, terão necessariamente de o tirar à comida.

### O problema da habitação

Atribuímos 300\$00 para renda de casa, mas em muitos casos a renda é superior e numa grande maioria é inferior o ordenado.

Num inquérito feito junto de 280 concorrentes da classe dos caixeiros a adquirentes das casas do Bairro de Caselas, tiraram-se as seguintes conclusões: 80% viviam em partes de casa ou em quartos, onde tinham de acomodar-se o casal e os filhos.

15% tinham subalugadas as casas em que viviam por não poderem pagar sôzinhos a renda inteira.

Só 5% viviam em condições razoáveis. Conexo com o problema da habitação há o dos transportes: alguns caixeiros que vivem no bairro da Encarnação têm de sair o mais tardar às 7 horas e meia, 8 horas, para estarem no centro da cidade às 9 horas; não almoçam em casa porque as duas horas do descanso não chegam sequer para os transportes. Saem às 19 horas. Quando muito, estão em casa às 20 horas e meia, tendo cu atenção os transbordos.

Devido à morosidade dos transportes baratos perdem o contacto com a família. Deixam os filhos ainda deitados quando saem; vão encontrá-los à noite já deitados também.

\* \* \*

Como dissemos, a preocupação absorvente de momento, dos caixeiros é a revisão dos vencimentos: mas há outras regalias que a classe espera, como seja a ampliação do período de férias, pois o actual regime é considerado pouco satisfatório.

\* \* \*

Não queremos terminar sem uma referência ao proceder de certas empresas que fogem ao pagamento das quotas previstas para a Caixa de Previdência. Muitas empresas, de convivência com os empregados manifestam, apenas, dois terços e ainda menos do ordenado, para ser menor a contribuição.

Sucedem que, em muitos casos, são as empresas que impõem esse procedimento; noutros, é falta de compreensão dos empregados do prejuizo que representa para elas a modicidade dos descontos que fazem para a Caixa de Previdência.

A solução desta anomalia reside precisamente na fixação dos vencimentos quer por despacho do sr. Subsecretário das Corporações, quer por contrato entre as entidades patronal e sindical.

Sabemos que o I. N. T. P. tem procurado, por todos os meios, conciliar as divergências suscitadas nas negociações do Sindicato com a União dos Grêmios. A União aceita em princípio o projecto de contrato, mas na prática, ao tentar-se a solução definitiva, as divergências avolumam-se e os adiamentos sucedem-se.

Desde 1944 que a classe vive da esperança dum entendimento.

Estamos convencidos de que a hora desse entendimento há-de soar.



## INQUÉRITO ÀS NOSSAS LEITORAS TEM A PALAVRA A OPERÁRIA PORTUGUESA

Que sonho é o teu, rapariga da família operária?

O teu sorriso aberto é para a fábrica ou para o lar?

O casamento é incompatível com a fábrica, o escritório, o «atelier», ou cabem ambos nos teus sonhos de rapariga?

«O Trabalhador», jornal do povo trabalhador, precisa de saber o que pensas tu, o que desejariam as tuas companheiras.

Construir o futuro...

Mas que futuro?!

Tu no-lo dirás!

No próximo número, daremos as devidas instruções, e o inquérito começará com o nosso número do 1.º de Maio.

Não te esqueças que o futuro da classe operária está sobretudo nas tuas mãos!